

## A SIMBOLOGIA DA ÁGUA NO IMAGINÁRIO GREGO

Hilda Gomes Dutra Magalhães

Universidade Federal do Tocantins-Mestrado em Ciências do Ambiente  
Doutora em Teoria da Literatura pela UFRJ, com pós-doutoramento na  
Universidade de Paris III e École des Hautes Études en Sciences Sociales/França  
[hildadutra@uft.edu.br](mailto:hildadutra@uft.edu.br)

**Resumo:** Este texto tem como objetivo analisar o significado da água no imaginário grego através da análise dos mitos cosmogônicos da cultura grega e dos relatos de Homero em *Ilíada* e *Odisséia*. Para atingirmos os nossos objetivos, utilizamos o método de análise estruturalista, procurando ressaltar os sentidos da água nos textos analisados. Ao curso das análises pudemos perceber que a água é representada de forma ambígua nos textos, significando tanto a vida quanto a morte. Entretanto o sentido da água como vida está mais evidente nos mitos de origem, ao passo que o sentido de morte predomina nas epopéias homéricas. Concluindo, podemos afirmar que a água é uma imagem muito forte e recorrente no imaginário grego, fundamentando os principais mitos dessa cultura.

**Palavras-chave:** Mitologia grega. Água. Mito.

**Abstract:** This text aims to analyze the significance of water in Greek imagination through the analysis of cosmogonic myths in Greek culture and the reports of Homer in Iliad and Odyssey. To that end, we use the structuralist method, exploring the significance of water in the texts examined. In the course of the analyses we understand that water is ambiguously represented in the texts, meaning both life and death. Yet, the representation of water as life is more evident in myths about origin, while the meaning of death predominates in Homeric epics. In conclusion, it seems clear that water is a very strong and recurring image in Greek imagination, underlying the most important myths in that culture.

**Keywords:** Greek Mythology. Water. Myth.

A água é vista hoje não apenas como fonte da vida, mas também como foco de preocupação mundial, posto que a sua escassez coloca em risco a vida no planeta. Neste contexto, em que se busca conscientizar a população para a necessidade de se conservar este líquido, é importante compreendermos o seu valor simbólico nas diferentes culturas. Tentando contribuir para isso, propomo-nos a estudar as representações míticas da água no imaginário grego. Para atingir os nossos objetivos, selecionamos como objeto de estudo os mitos cosmogônicos e os relatos de Homero em *Ilíada* (s.d.) e *Odisséia* (s.d), procurando ressaltar como a água é representada nesses textos.

Para analisar os mitos, recorreremos ao estruturalismo, método através do qual tentaremos ressaltar as relações básicas existentes nos textos, evidenciando, assim, os sentidos da água no imaginário grego.

Segundo Eliade (1972, p. 16), o mito está na origem da espécie humana como “um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras”. O mito é considerado uma história sagrada, porque “sempre se refere a realidades”.

Reportando-nos às suas palavras, lemos:

“o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. Em outros termos, omite narra como, graças às façanhas do Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie de vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma ‘criação’: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens do mito são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos ‘primórdios’. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a ‘sobrenaturalidade’) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do ‘sobrenatural’) no Mundo (ELIADE, 1972, p. 11).

No caso das civilizações primitivas, o mito tem também um grande valor regulador, pois, conforme afirma Bronislav Malinowski, citado por Eliade (1972, p. 23),

Nas civilizações primitivas, o mito desempenha uma função indispensável: ele exprime, enaltece e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem. O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é, ao contrário, uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente, não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática.

A importância simbólica e histórica dos mitos é reiterada também por Vieira & Weber (1997, p. 26), que sobre isso afirmam:

Através [de] padrões historicamente transmitidos de significações compartilhadas e corporificadas em símbolos e instituições (crenças e mitos, valores e normas, formas mais elaboradas de conhecimento...), os seres humanos elaboram e consolidam sua base de conhecimentos, suas atitudes e estratégias de comportamento, sempre às voltas com as condições estruturais impostas pelo meio ambiente natural.

Também Cassirer (1973) nos explica que os sistemas sociais têm sua chave nos mitos, que, por este fato, são fundadores da cultura e se acham presentes em todo o tecido social de um povo.

Já Campbell, avançando na discussão, acredita que, mais do que um registro histórico, os mitos retratam as relações do homem e o meio ambiente. Segundo o teórico

Quando falamos em mitologia e rituais, fazêmo-lo geralmente do ponto de vista da mentalidade moderna. Falamos em descobrir as causas do mundo, os mitos das origens e assim por diante: mitos explicativos, os chamados mitos etiológicos. Não é disso que os mitos tratam. Eles nada têm a ver com a análise e a descoberta científica das causas. O que fazem é relacionar o ser humano com seu ambiente. E antes da descoberta dos grandes movimentos planetários era este, em grande parte, o ambiente dos mundos animal e vegetal. (CAMPBELL, 1997, p. 98)

Nesta mesma linha de raciocínio, Elmo Rodrigues da Silva (1998, p. 1-2) nos explica que o homem “se produz e reproduz através da negação e afirmação, e as diferentes culturas foram fundadas a partir da negação da natureza por meio do sistema simbólico - a linguagem.” Assim, desde os tempos mais primitivos, as culturas “elaboraram a diversidade e ameaças presentes no mundo, através dos símbolos e construíram seus mitos.” A linguagem mítica é, portanto, a forma de mediação do homem com a natureza, de modo a compreendê-la e a demarcar a sua diferença em relação a ela.

Contar a origem dos povos sempre foi, na verdade, uma atividade importante nas culturas antigas. Essa preocupação está na origem dos mitos cosmogônicos, ou seja, os mitos que relatam a criação do Mundo, do mesmo modo que nos mitos de origem, compreendidos por

Eliade (1972, p. 38) como aqueles que contam não o surgimento do mundo, mas a modificação deste pelo acréscimo de elementos diferentes.

Os mitos gregos nos relatam que, antes de serem criados a terra, o mar e o céu, havia apenas o Caos, mistura de terra, mar e ar. Não existia nada sólido, líquido ou transparente. Deus e a Natureza resolveram então dar formas definidas a essa substância informe, transformando o fogo em firmamento e situando o ar acima da terra. A água foi colocada, por sua vez, sob a crosta terrestre, de modo a fazê-la “flutuar”.

Numa outra versão do surgimento do mundo e das divindades mitológicas (GRAVES, p. 1967), da união do ar com o dia surgiram, no princípio de tudo, o Céu, a Terra e o Mar. Da união do Ar com a Mãe Terra nasceram o Oceano, Métis e outros Titãs e, da união do Mar com os Rios, nasceram as Nereidas. O princípio fertilizador era a água, responsável pela fertilização da terra e pelo surgimento da vida, sob os desígnios de Eros. Os rios e as fontes eram tidos como divindades pelo povo grego, que a eles ofereciam as honrarias dedicadas aos deuses olímpicos.

Uma outra versão do surgimento da mitologia grega nos dá conta de que Oceanos e Tétis formavam um casal ancestral de titãs que governavam os elementos líquidos, origem da cosmogonia. Oceanos e Tétis eram ambos água, com a diferença de que o primeiro era um rio caudaloso, de curso tortuoso, enquanto Tétis era uma porção de água do próprio Oceanos. Os dois tiveram uma numerosa prole, dentre os quais os rios, as ninfas oceânicas, Urano, Gaia, as Oceânidas e Nereu, este último, deuses dos mares. Oceanos e Tétis moravam nos confins do universo, onde se localizava a fonte dos oceanos. Dessa fonte saía o líquido com o qual Oceanos alimentava seus filhos e que, por extensão, penetraram no interior das terras, fertilizando-as também.

Pelo que se pode observar de todas as versões míticas apresentadas, a água tem uma presença muito forte no imaginário grego, pois está presente em todos os relatos. Além disso, a sua presença não é uma presença menor, sobrepondo-se, hierarquicamente, a todos os demais elementos, à exceção do Caos, na primeira versão mítica.

No mundo mitológico, todos os mares corriam para o Oceano, que, através de canais subterrâneos, alimentava os seus filhos, fontes e rios. Criaturas habitavam seu interior, como Nereu, as Oceânidas e as Nereidas, que às vezes apareciam nas ondas turbulentas.

Em relação ao seu papel ordenador, é necessário ressaltar que a água é um demarcador geopolítico de extrema importância na civilização antiga. Assim, acreditavam os gregos que a terra tinha o formato arredondado e achatado. No centro desse universo localizava-se a Grécia, e o mais alto ponto da terra era, por sua vez, o Monte Olimpo, habitat dos deuses. As divisórias da terra eram determinadas pelo Mar Mediterrâneo e sua continuação, conhecida como Ponto Euxino, os únicos mares conhecidos então pelos gregos (BULFINCH, p. 1965:8). Em outras palavras, além de fertilizar a terra, a água tinha o papel de separar geopoliticamente a terra.

Na sua parte setentrional habitavam os hiperbóreos, povo feliz que não era acometido nem pela velhice nem pelo trabalho e nem pela guerra. Em suas terras, protegidas por gigantescas montanhas, cheias de cavernas de onde saíam as lufadas do vento norte, vicejavam uma eterna primavera e uma felicidade sem fim.

Mais para o centro, ladeando o curso do Oceano, moravam os etíopes, tão felizes quanto os hiperbóreos. Na parte ocidental, banhada pelo Oceano, localizava-se a região conhecida como Campos Elíseos, “Campos afortunados” ou “Ilha dos abençoados”, uma espécie de céu terrestre, para onde os mortais favorecidos pelos deuses eram levados, vivos, para gozar a imortalidade.

Contornando a terra, havia o Rio Oceano, que corria do sul para o norte na parte ocidental e do norte para o sul na parte oriental. Esse Rio tinha um curso firme e constante, de modo que nenhuma tempestade o alterava. De suas águas se formavam os dois mares conhecidos (Mediterrâneo e Ponto Euxino), bem como todos os rios da terra. Para além do Oceano encontrava-se a Casa de Hades, ou seja, a morada dos mortos, separada da Terra pelo Oceano e por rios menores, dentre os quais o Estige. Conforme os relatos de Homero, a casa de Hades é atravessada pelo Rio Aqueronte, em que desembocam dois regatos, o Pirifleton, de fogo crepitante, e o Cocito, um braço do Estige, ressonante de lamentações.

Para melhorar compreendermos a importância da água no imaginário grego, é preciso lembrar que a Grécia continental é montanhosa e imprópria para a agricultura, restando aos gregos a exploração de suas centenas de ilhas e das terras além mar. A água era, portanto, um desafio constante do qual os gregos não podiam se esquivar, já que a sua autonomia econômica e política dependia da forma como venciam os obstáculos impostos pela água.

A importância da água era tão importante, que Elmo (1998) lembra que este elemento teve um papel de agregação muito forte em todas as civilizações primitivas ribeirinhas e mediterrâneas. Assim, os rios, fontes de vida e vias de comunicação de todas as antigas civilizações, possuíam importância simbólica significativa e a água representava o nascimento e a morte, a origem e o fim da vida. A vazão do rio à jusante era vista como uma progressão à indiferenciação (o oceano), e à montante, o retorno ao princípio (a fonte), sendo que a sua travessia tinha o significado de passagem de um estado do ser para outro (a margem oposta). Desta forma, os cursos d'água estavam impregnados de simbolismo - ao se aproximar de suas fontes, encontrar-se-ia a corrente da vida, da morte e a 'corrente da consciência' pelas quais seríamos levados desde o nascimento. (RODRIGUES, 1998, p. 5)

Por isso, na Antiguidade grega o rio Meandro, por exemplo, era considerado "uma dádiva sagrada", e não apenas para os gregos, sendo inclusive venerado também por outros povos na Ásia Menor (RODRIGUES, 1998, p. 5).

Tal manifestação mítica, relacionando sacrifício e abundância fluvial, parece ter sido compartilhada por várias culturas da Antiguidade que se desenvolveram nas bacias de grandes rios. Assim escreve Schama (1996, p. 26):

o curso arterial e auto-controlado do rio sagrado semelhante à corrente sanguínea dos homens, constituía uma imagem permanente do fluxo da vida, a linha das águas, do começo ao fim, do nascimento à morte, da fonte à foz [...]. Ademais, dominou a linguagem dos rios na Europa e no Ocidente, fornecendo imagens sobre a vida e a morte de nações e impérios e para a fatal alternância entre comércio e calamidade.

Evidentemente, se levarmos em consideração a composição topológica da Grécia, não podemos separar, no espaço imaginário, os elementos água e ilha. Sabe-se também que as ilhas tinham importância estratégica, econômica e cultural na antiga civilização grega. No que diz respeito ao imaginário grego, as ilhas aparecem como uma forma de engodo, como uma ilusão de segurança que não existe. Surgem freqüentemente envoltas em encantamento, e principalmente em Odisséia, podemos observar como o herói, por inúmeras vezes, é aprisionado nessas famosas e misteriosas ilhas. Aliás, as ilhas continuaram, por muito tempo, a apresentar essa faceta misteriosa, tanto que ainda na Idade Média, eram símbolos portadores de múltiplos significados, sendo tidas como morada dos anjos decaídos, seja como paraísos terrestres, lugares sagrados e morada dos mortos, como sucedia com as ilhas brancas celtas.

Além das ilhas, merecem destaque nos mitos gregos as fontes encantatórias. Na narrativa de Jasão e o velocino de ouro, Hércules deixou os companheiros porque Hílas, um jovem de sua predileção, havia desembarcado para buscar água numa fonte e foi pelas ninfas da fonte aprisionado, devido à sua grande beleza.

Em outro mito, Narciso se apaixonou pela própria imagem refletida nas águas claras e calmas de uma fonte em que fora tomar água. Ao beber da fonte, o jovem deparou-se com sua própria imagem e pensou que fosse algum belo espírito das águas. Apaixonado, não comia e não dormia, até que se exauriu neste amor hipnótico por si mesmo.

Como é possível constatar, a água, seja ela do mar, do Oceano, das ilhas ou das fontes, era um grande desafio para os gregos. Simbolicamente, representava tanto a vida quanto a morte. Em todos os mitos essa ambigüidade está presente, mas poucos conseguem representa-la tão bem quanto o mito do dilúvio (BULFINCH, 1965, p. 18). Contavam os gregos que a Terra passou por quatro idades, a do ouro, a da prata, a do bronze e a do ferro. A primeira caracterizou-se pela inocência e ventura dos terrestres, quando então reinavam a verdade, a justiça, mesmo sem que houvesse leis ou juizes. A terra fornecia aos humanos tudo de que precisassem sem que houvesse necessidade de trabalho, pois a terra vivia em eterna primavera, as torrentes dos rios eram de leite e de vinho, e o mel dourado vertia dos carvalhos. (BULFINCH, 1965, p.18).

A seguir, veio a Idade da Prata, em que Zeus reduziu a primavera e dividiu o mundo em estações. Com isso, houve necessidade de se construírem as primeiras casas, para proteger os homens contra as intempéries de cada estação. Como agora a terra já não fornecia ao homem tudo o que ele precisava para viver, tiveram que plantar as primeiras sementes, arando e semeando a terra, com a ajuda do boi.

Após a Idade da Prata veio a Idade de Bronze, já com as primeiras armas, sucedida, depois, pela Idade do Ferro, época em que o crime, a corrupção, a mentira e a injustiça irromperam no mundo. A terra, então, teria ficado úmida de sangue (BULFINCH, 1965, p. 20), e os deuses a abandonaram, partindo para a Via Láctea, representada no céu pelo caminho de estrelas que pode ser visto nas noites claras, atravessando o céu e ao longo do qual ficam os palácios dos deuses.

Foi então que teve a idéia de destruir todos os habitantes da terra para fazer surgir uma nova raça, mais digna da vida e dos deuses. Em princípio, pensou em destruir a terra através de seus raios, mas desistiu mediante o fato de que o fogo poderia ameaçar o próprio céu. Optou, então, por inundá-la, o que fez com a ajuda do vento norte, que espalhou as nuvens, e pelo vento sul, que foi solto e em pouco tempo cobriu todo o céu de escuras nuvens. Zeus contou, ainda, com a ajuda de seu irmão Netuno, deus dos mares, que soltou todos os rios e lançou-os contra a terra. Fazendo uso de um terremoto, Netuno conseguiu também mandar o Oceano, em refluxo, varrer a face da terra. Tudo ficou submerso, à exceção do Monte Parnaso, onde se refugiaram Deucalião e sua esposa Pirra, descendentes de Prometeu, titã que criou a raça humana e lhe deu vida.

Passado o dilúvio, o casal se dirigiu ao oráculo para consultar sobre o seu futuro, e este os instruiu a saírem do templo com a cabeça coberta e as vestes desatadas e atirassem para trás os ossos de suas mães. Tendo Deucalião compreendido que o oráculo se referia à terra (mãe de todos os seres) e às pedras (os ossos da terra), os dois começaram a jogar pedras para trás. A cada pedra que jogavam, surgia um ser humano, sendo que as pedras que Pirra lançava se tornavam mulheres e as que Deucalião jogava se transformavam em homens. Essa teria sido a nova raça, da qual nós somos descendentes.

É preciso lembrar que o mito do dilúvio parece, aliás, ser uma imagem universal. Eliade (1972, p. 53) registra que os mitos narrando cataclismas cósmicos acham-se bastante difundidos nas diversas culturas, apresentando basicamente a mesma estrutura (a destruição do mundo e dos humanos, à exceção de um casal ou de alguns sobreviventes). Afirma ainda que, à exceção da África, onde são comuns histórias com tremores de terra, incêndios, epidemias, desabamento de montanhas, dentre outras, os mitos do dilúvio são os mais numerosos nas demais culturas, indicando não o final do mundo, mas de uma humanidade, o que revela um desejo latente de renovação, pela regressão ao Caos e à cosmogonia (ELIADE, 1972, p. 54).

No caso do dilúvio mitológico grego, assim como ocorre no dilúvio bíblico, a água é um instrumento de destruição, mas conserva ao mesmo tempo um sentido higienizador. Essa ambigüidade é representada, por exemplo, pela camada de lodo formada pelo dilúvio e que dá origem tanto aos campos férteis, possibilitando a sobrevivência da nova raça, como também aos terríveis monstros mitológicos, dentre os quais a Hidra de Lerna, Sila, Caríbdis e Píton, terrível serpente que se refugia nas cavernas do Monte Parnaso.

A força da água é tamanha no imaginário grego, que as divindades do mar faziam medo até mesmo a Zeus, o rei dos deuses. É o que lemos, por exemplo, no mito de Tétis, filha de Nereu e Dóris. Conta a estória que a moça era tão bela que Zeus desejou tomá-la por esposa, entretanto desistiu da empreitada quando ficou sabendo pelo titã Prometeu que Tétis teria um filho maior que seu pai (BULFINCH, 1965, p. 149-150). Zeus então não apenas desistiu do casamento como também determinou que Tétis esposasse um mortal. Agindo dessa forma, o deus dos deuses minimizou o poder da água e manteve longe de ameaças os seus domínios. Tétis se casou com Peleu, nascendo dessa união o renomado Aquiles, o maior de todos os guerreiros.

O medo das águas tem a sua representação máxima, na mitologia grega, nos terríveis monstros mitológicos nascidos da água. Dentre esses monstros, merecem destaque a Hidra de Lerna, Sila e Caríbdis. A primeira aterrorizava o povo de Argos, mas foi morta por Hércules, num dos doze trabalhos a ele imputados por Hera, por vingança de ser Hércules, filho bastardo de Zeus com Alcmena. Sila e Caríbdis são conhecidas por amedrontarem os companheiros de Ulisses, em Odisséia.

Sila teria sido uma bela moça, mas que foi transformada, por ciúmes, pela feiticeira Circe, num monstro marítimo de seis cabeças. Ela era imortal e portanto invencível (HOMERO, s.d., p. 137). Caríbdis, por sua vez, era um sorvedouro situado quase ao nível do mar. Três vezes ao dia a água penetrava numa fenda levando qualquer embarcação que houvesse por perto. Sua força era tamanha que nem mesmo Netuno podia impedi-la (HOMERO, s.d., p.137). Os dois monstros se encontravam um perto do outro, de modo que o marinheiro, quando não era pego por um, o era pelo outro. O próprio Ulisses conseguiu evitar a ira de Caríbdis, mas não pôde impedir que seis de seus homens fossem devorados por Sila.

Além dos monstros, havia as ninfas, que formavam uma classe numerosa de divindades femininas de categoria inferior, mas que gozavam de alguns predicados divinos. Calipso ficou famosa por tentar, através do encantamento, reter Ulisses em sua ilha. Ganham importância também as sereias, moradoras das águas e que, pelo encantamento de sua melodiosa voz, conduzem os navegantes até suas ilhas, levando-os à morte. Para se proteger de seus encantos, Ulisses, aceitando as sugestões de Circe, solicitou aos seus companheiros que tampassem os próprios ouvidos com cera e que o amarrassem ao mastro do navio para que ele pudesse ouvir o canto das sereias sem sucumbir aos seus encantos (HOMERO, s.d., p. 136).

Os habitantes das águas não são, entretanto, todos amedrontadores, embora o sejam na maioria dos relatos, sobretudo nas narrativas de Homero. Como uma exceção que confirma a regra, temos os golfinhos, que salvam da morte o músico Árion.

Relata o mito que Árion, morador de Corinto, resolveu participar de uma competição musical na Sicília e, ao retornar vitorioso, foi roubado pelos marinheiros. Estes o obrigaram a se atirar ao mar, pensando, dessa forma, se livrarem dele e de qualquer responsabilidade perante a justiça. Entretanto o músico foi salvo por um golfinho e o músico pôde retornar são e salvo a Corinto, onde recebeu honrarias do rei.

Mas, mais poderoso que essas entidades e liderando todas elas, encontramos Nereu, que exerceu, por muito tempo, o papel de senhor dos mares, até que foi substituído quando Zeus

aniquilou o próprio pai, Cronos, e inaugurou uma nova plêiade de deuses, substituindo Nereu por seu irmão Posídon, como deus dos mares.

Mas quem era Posídon? Ele era representado como um deus voluntarioso, cuja cólera era representada pelas tempestades e catástrofes que semeava. Posídon casou-se com Anfitrite, que gerou Tritão, cuja descendência foi povoada de monstros aterradores. O símbolo do poder do deus dos mares era o tridente, utilizado para abalar os rochedos, fazer tremerem os mares. Sua esposa, filha de Nereu e Dóris e mãe de Tritão, era uma das Nereidas e tinha como irmãs Tétis, mãe de Aquiles, e Galatéia, a amada do ciclope Polifemo, que devorou parte da tripulação de Ulisses. Netuno ou Posídon, deus voluntarioso, a cujo comando os terríveis monstros emergiam ou imergiam nas profundezas dos mares para aterrorizar os mortais. Vingativo, como podiam ser todos os deuses gregos, Ulisses atraiu a ira de Posídon quando o enfrentou. Homero narra que quando Ulisses e seu povo apresentaram o cavalo de pau para os troianos, o adivinho Laocoonte desconfiou que o presente traria maus augúrios e tentou convencer os troianos a não aceitarem o presente. Neste momento, Netuno foi decisivo para a vitória dos gregos, pois fez com que surgissem de suas águas duas serpentes que engoliram Laocoonte com seus dois filhos. Diante do acontecido, os troianos não tiveram dúvidas em aceitar a dádiva grega, caindo em perdição.

Como, após a vitória, Ulisses não prestou ao deus dos mares as homenagens que lhe seriam devidas pela ajuda, Netuno vaticinou o seu trágico retorno a Ítaca. Saindo de Tróia, a frota de Ulisses foi castigada por uma tempestade por nove dias interruptos, tendo sido então aprisionado na terra dos comedores de Lótus. Em seguida, foram jogados rumo à terra dos ciclopes, chegando à Ilha de Éolo, o monarca a quem Zeus confiara o governo dos ventos. Foram, logo após, atacados pelos bárbaros Lestrigonianos, tendo perdido as embarcações, exceto o barco de Ulisses. Na seqüência, chegaram à ilha Eana, onde morava Circe, a filha do Sol, que transformava homens em animais. Depois, esteve preso também na ilha de Calipso e só então é que conseguiu chegar à terra dos feácios, que o levaram enfim de volta a Ítaca, depois de longos dez anos lutando contra as forças das águas de Netuno.

Podemos afirmar que em toda a narrativa o verdadeiro antagonista é a água. De fato, a água é mostrada nesta epopéia como um inimigo pior mesmo que os troianos, porque sua força e suas armas têm origem divina, sobrenatural. Contra esse inimigo, pouco pode o herói, e se na luta contra os troianos conseguiu se impor pela astúcia, agora essa astúcia lhe valerá apenas em algumas situações, como quando consegue enganar o monstro Polifemo, mas não é suficiente para levá-lo de volta a Ítaca. Na verdade, ele só consegue vencer as águas que o separam de seu reino quando os deuses o ordenam e, mesmo assim, com a ajuda dos feácios.

Notemos que, na narrativa, a água tenta aniquilar o herói de diversas formas e para isso assume feições e características diferentes, mas todas ligadas à idéia de morte (mesmo quando prometiam a imortalidade), em oposição a Ítaca, que representa o porto seguro, a sua família, a vida. Assim, as feições perfeitas de Circe ou de Calipso, bem como o canto maravilhoso da sereia, carregam a mesma carga semântica dos monstros Sila e Caríbdis, posto que tanto os primeiros quanto os segundos são artifícios de Netuno para aniquilar o herói.

Em *Odisséia*, Ulisses anseia por chegar a Ítaca, porque sabe que lá estará seguro. A terra aparece, portanto, como um contraponto à água. A água é fonte de terríveis sofrimentos a que o herói é submetido. A imagem de Ítaca significa, ao contrário, o porto seguro, o conforto, o aquecimento, a saciedade e a liberdade, mesmo que transitória, já que se inscreve sob o signo da mortalidade. Contrapondo-se a essa imagem, a água remete Ulisses para a fome, a sede, a destituição da própria identidade, à prisão, à morte. Entretanto, no desfecho do texto, é essa mesma água que propiciará o retorno do herói a casa, o que, todavia, só ocorre após o personagem haver compreendido que o homem não é ninguém sem os deuses.

Concluindo, podemos afirmar que a água está visceralmente presente na cultura do povo grego e, em conseqüência, também em seu imaginário. Concebida como uma força poderosa temida pelo próprio Zeus, a água representa, tanto nos mitos cosmogônicos quanto nos relatos de Homero, a própria vida, com seu curso, seus obstáculos e sua fluidez.

## Referências

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: a idade das fábulas*. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1965.

CAMPBELL, Joseph. *As transformações do mito através do tempo*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. 10ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem*. Lisboa: Estampa, 1973.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Trad. Póla Civelli. São Paulo: Perspectiva: 1972.

GRAVES, Robert. *Les mythes grecques*. Paris: Fayard, 1967.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

\_\_\_\_\_. *Odisséia*. Trad. Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

SHAMA, Simon. *Paisagens e memória*. Trad. H. Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Elmo Rodrigues. *O curso da água na história: simbologia, moralidade e a gestão de recursos hídricos*. Tese de Doutorado em Saúde Pública. Pós Graduação em Saúde Pública. Fundação Osvaldo Cruz. Rio de Janeiro:1998. Disponível em [http://www.seia.ba.gov.br/SGDIA/transarg/arquivos/Veja%20abaixo%20as%20Publicações%20Ambientais/Monografias,%20Dissertações%20e%20Teses/Arquivo/Final\\_ok.pdf](http://www.seia.ba.gov.br/SGDIA/transarg/arquivos/Veja%20abaixo%20as%20Publicações%20Ambientais/Monografias,%20Dissertações%20e%20Teses/Arquivo/Final_ok.pdf). Acessado em 12/04/2005.

VIEIRA E WEBER. *Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento: novos desafios para a pesquisa ambiental*. São Paulo: Cortez, 1997.